

# **RUÍNAS E TERRENOS VAGOS**

**EXPLORAÇÕES,  
REFLEXÕES E  
ESPECULAÇÕES**

EDUARDO BRITO-HENRIQUES  
CRISTINA CAVACO  
MARTA LABASTIDA  
(EDS.)

RUÍNAS

**Título**

Ruínas e terrenos vagos:  
explorações, reflexões e especulações

**Editores**

Eduardo Brito-Henriques,  
Cristina Cavaco,  
Marta Labastida

**Edição**

Centro de Estudos Geográficos  
da Universidade de Lisboa

**Data de Edição**

Junho de 2019

**Apoio editorial**

Patrícia Monteiro; Pablo Costa

**Design** Design Glow

**Direção de Arte** Carolina Basto

**ISBN**

978-972-636-281-4

**Depósito Legal**

DL: 456875/19

# APROPRIAÇÕES

## ACHADOS, DIÁLOGOS E PERCEÇÕES: A VIDA INFORMAL DAS RUÍNAS

■ João Sarmento\*, Rui Pereira\*\*

A especulação imobiliária característica dos modelos capitalistas neoliberais tem levado ao crescimento descontínuo das cidades, replicando lotes para construção e áreas infraestruturadas em diversos territórios. Com a crise financeira, que afetou fortemente a expansão imobiliária, muitos destes projetos consolidaram-se como terrenos expectantes e pousios de acumulação de capital, permanecendo vazios. Outros viram a sua construção interrompida, por variadas razões, e cristalizaram-se como formas parcialmente construídas, não tendo chegado a atingir as finalidades inicialmente propostas. Estes loteamentos semiconstruídos, suspensos no tempo e no espaço, foram-se progressivamente degradando e constituem hoje novas formas de ruínas não-históricas ou ruínas modernas, sendo uma parte importante da paisagem urbana.

Longe de serem espaços vazios e sem uso humano, estas ruínas modernas são frequentemente apropriados de diferentes formas por vários atores: residentes das vizinhanças, transeuntes e gente de outras paragens que procura diversão, sossego, aventura, etc.. Um olhar detalhado e prolongado sobre o que se passa nos espaços arruinados e abandonados da cidade, demonstra-se um contributo essencial para uma melhor compreensão da própria urbanidade contemporânea.

A tarefa 4 do projeto NoVOID teve como objetivo estudar os usos e apropriações das ruínas e espaços urbanos abandonados, os seus significados socioculturais e as suas transformações materiais e simbólicas, através das várias performances que suportam. Para isso, desenvolveu-se uma abordagem metodológica múltipla, dividida em quatro partes: genealogia, catálogo, dinâmicas e interações. Na Genealogia procurou-se reconstituir uma cronologia simples do lugar através de dois tipos principais de ações de pes-

quisa. O primeiro foi a pesquisa de arquivo em instituições municipais, espólios privados ou de associações, reunindo, sempre que possível, materiais visuais que permitiam uma leitura evolutiva do caso de estudo. Incluíram-se informações relevantes como datas de início de construção e de abandono, fotografias aéreas, imagens do Google Earth, plantas da cidade, fotografias, desenhos de projeto, entre outros documentos. O segundo baseou-se em conversas informais com antigos utilizadores dos lugares (trabalhadores da fábrica por exemplo) com o objetivo de recolher informações relacionadas com as suas memórias e experiências.

Outra componente importante do estudo desenvolvido e designada por Catálogo, correspondeu à coleção virtual dos vestígios que indicavam a apropriação e uso dos espaços após o seu abandono. Através da fotografia e do vídeo, registaram-se os objetos que ajudavam a compreender algumas das apropriações existentes (tais como colchões, cobertores, invólucros de alimentos, seringas, garrafas, maços de cigarro vazios, beatas, preservativos, etc.) e também os materiais que não tendo sido alvo de translocação evidenciavam a apropriação do lugar através da sua alteração (vidros quebrados, portas forçadas, paredes grafitadas, entre outros).

No sentido de compreender os ritmos das apropriações quotidianas, o estudo das Dinâmicas envolveu um vasto trabalho de campo, ao longo de um período de tempo extenso. Realizaram-se visitas sazonais e segundo um calendário semanal, durante dias da semana e fins-de-semana, em períodos diurnos e noturnos. No contexto do projeto NoVOID, e levando em consideração os recursos financeiros e humanos disponíveis, foi estabelecido um mínimo de 10 visitas para cada um dos lugares em estudo, sendo que cada visita deveria durar pelo menos 30 minutos.

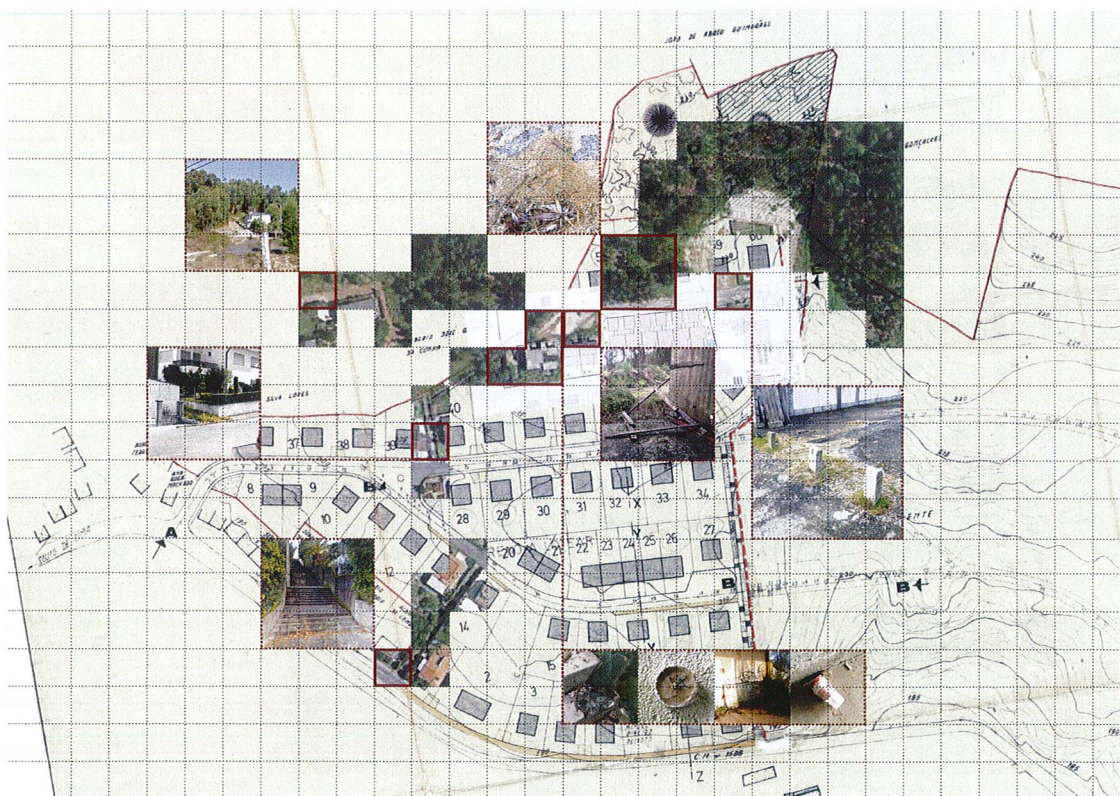
Interações, a última parte da metodologia, procurou identificar os múltiplos relacionamentos que as pessoas estabelecem com as ruínas e terrenos vagos da cidade, os sentimentos e emoções que lhes atribuem: do medo ou indiferença, à repulsa para com a degradação ou ao fascínio pelas ruínas, passando pelo contentamento que resulta de se poder usar espaços por vezes tranquilos e silenciosos. Optou-se por uma variedade de abordagens que vão desde conversas informais, entrevistas e focus groups com pessoas que passeiam cães em terrenos vazios, pessoas que fazem desvios para não atravessar espaços degradados ou, por exemplo, crianças que brincam e exploram destroços misteriosos.

Como os materiais recolhidos tinham um forte carácter visual, os dados foram analisados a partir de quatro processos principais de representação gráfica: mapear, decodificar, estratificar e espacializar. Estes processos permitiram compreender as intrincadas nuances das apropriações numa dimensão espaço-temporal.

Mapear teve por base uma pesquisa de carácter "arqueológico" e correspondeu à identificação e localização dos vestígios de apropriação encontrados nos lugares. Este procedimento realizou-se através da sobreposição de uma grelha virtual à planta do projeto inicial. Nesta grelha,

foram seletivamente individualizadas pequenas áreas, analisadas e ilustradas com recurso a fotografia aérea e fotografias georreferenciadas obtidas *in situ*. Este processo de representação permitiu comparar a urbanidade e uso inicialmente programados, com a realidade observada após o abandono.

Enquanto o processo Mapear procurou compreender a distribuição espacial dos vestígios encontrados, Decodificar permitiu a sua tradução. As observações feitas *in situ* resultaram numa coleção de fotografias e gravações de vídeo que foram organizadas cronologicamente (por data e hora) num Caderno de Campo. Esta colecção de fragmentos foi submetida a um processo de selecção, reagrupamento e reordenamento, numa relação completamente descomprometida da sua condição espacial e temporal. A dissociação desses dois momentos - a recolha no início e a selecção, reagrupamento e reordenação posterior - proporcionaram uma releitura dos achados e ajudaram a construir um imaginário das performances latentes que envolviam os lugares. Ao detectar afinidades visuais entre as imagens, a reorganização desses fragmentos recolhidos resultou numa nova composição que ajudou a criar narrativas sobre a vida desconhecida desses espaços, listando os principais temas de apropriação que suportam.



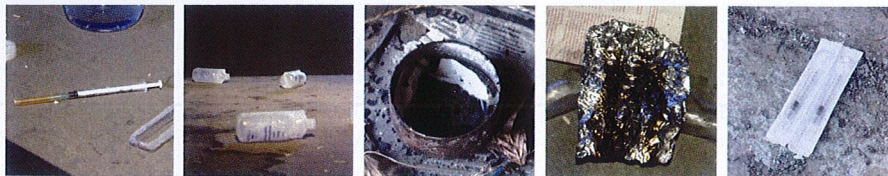
Mapear: levantamento "arqueológico" (Loteamento em Pevidém)

**MARCAS**



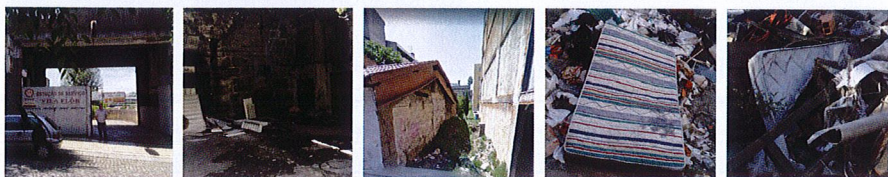
01-06-17      02-10-17, 16 29 27      02-10-17, 16 29 32      02-10-17, 16 29 37      02-10-17, 16 29 50

**CONSUMOS**



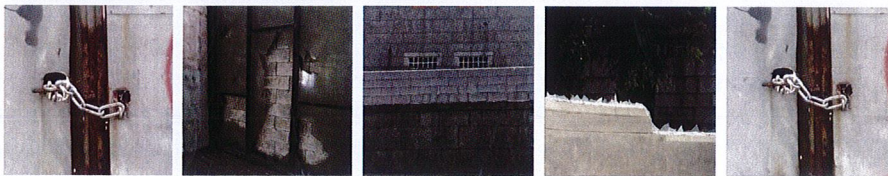
19-10-10      19-10-10      19-10-10      19-10-10      20-11-17, 11 10 20

**PERNOITA**



16-05-17, 14 05 35      16-05-17, 14 34 52      08-09      01-06-17      02-10-17, 16 10 53

**DISSUAÇÃO**



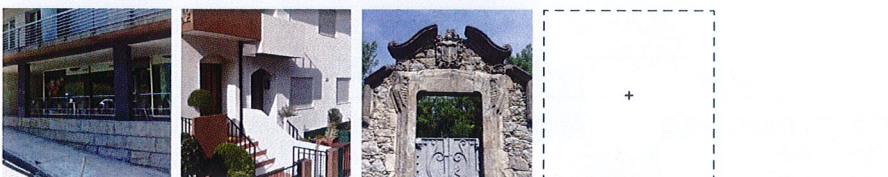
16-05-17, 14 09 24      01-06-17      16-05-17      16-05-17, 15 14 32      16-05-17

**TRANSGRESSÃO**



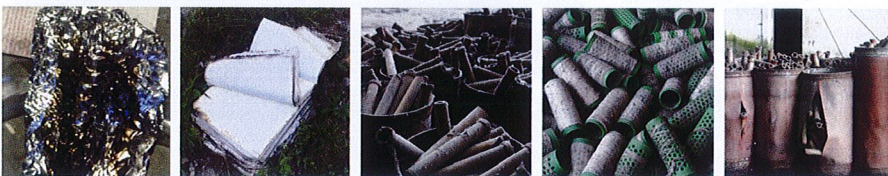
08-09      19-10-10      19-10-10      10-14      +

**ROUBO**



08-09      10-14      16-05-17, 15 06 49      +

**DESPOJOS**



19-10-10      02-10-17, 16 14 36      01-06-17      01-06-17      28-02-18, 13 32 44

**ENTULHOS**



01-06-17      02-10-17, 16 11 08      01-06-17      01-06-17      01-06-17

Descodificar: coleção de fragmentos (Conjunto industrial da Caldeira, Guimarães)

Para compreender um contexto espacial e temporal mais amplo, o processo Estratificar envolveu a sobreposição de cartografia de períodos distintos, no sentido de compreender a ocupação do território numa perspetiva temporal. Este tipo de análise permite compreender a inserção urbana e as circunstâncias específicas de cada caso, tendo em conta os tempos e ritmos mais longos de ocupação do território, as suas permanências e volatilidades. Por último, o processo de Espacializar permitiu identificar os complexos sistemas espaciais de relações

camufladas entre as ruínas e a sua envolvente mais próxima ou distante. As relações territoriais reveladas colocaram as ruínas e os espaços vacantes no centro de complexos sistemas socioespaciais, apresentando uma diversidade de atividades, escalas de mobilidade, ritmos, significados, etc.. Esses elos, sendo apenas uma pequena parte do que é a vida urbana, podem fornecer pistas para intervenções estratégicas, que tenham em vista soluções de baixo custo capazes de estimular novas dinâmicas coletivas.



Estratificar: sobreposição espaciotemporal (Loteamento da Lage, Vizela)

5 Junho 2018

Pesca percorre a marginal norte do rio.



4 Janeiro 2018



Pausa para almoço no parque de merendas

13 Outubro 2017

"Há oito dias não pude pescar aqui por causa da sujidade. Tive que ir lá para cima para a 'cascalheira', só que o peixe é mais pequeno."



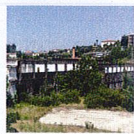
"Sou mais pescador de truta e então vou para os lados de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca."



"Quando está a chover também me meto ali e peço do lado da fábrica para o rio."



"Eu moro por cima do Fórum. Já faço esta caminhada desde os onze anos. Antes vinha trabalhar na fábrica, agora venho pescar."



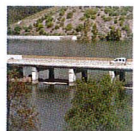
"Quando isto fica aqui cheio de pessoal vou ali para cima pescar. Pode-se ir lá para dentro e correr aquilo tudo."



"Moro ali em cima, onde era o campo da bola de Vizela. Só venho aqui pescar estes peixinhos, senão nem aqui apareço."



"Estas peixes vão vivos para a Régua. A gente deixa-os ficar aí no rio e às quatro e meia da manhã (...) levamo-los com um motor para circular a água."



"Vamos pescar para a ponte do Têdo, na marginal do Douro. Vamos aos lúcios, sempre com peixe vivo."

150 m

1500 m

60 000 m

Espacializar: relações territoriais (Conjunto industrial do Rio Vizela, Vizela)

Com a "partida" da Troika em maio de 2014 a situação económico-financeira do país alterou-se e, nos últimos anos, os preços imobiliários aumentaram significativamente e vários dos projetos suspensos foram "resgatados" para a órbita do negócio imobiliário e da especulação financeira. Outros, no entanto, continuam vazios, expectantes e em pousio, abrindo portas à incerteza mas permitindo o florescimento de hibridizações socionaturais.

Os usos e as apropriações observadas nas ruínas e terrenos vagos, levantam questões sobre a aceitabilidade social de certos comportamentos. Uma maneira alternativa de olhar para a diversidade de usos que ocorrem nestes locais, é evitar olhar para eles como abusos e transgressões negativas e analisar o seu potencial contributo para a vida da cidade. Nalguns casos estudados, limites frágeis, caracterizados

por uma continuidade física e visual, tornaram possível dar resposta numa escala de proximidade a necessidades de programas domésticos. Noutras situações, estes locais albergaram práticas consideradas como desviantes, frequentemente pouco toleradas na cidade ordenada e sanitizada, e nesse sentido, emergiram como espaços de liberdade(s), espaços necessários e legítimos também.

Ao superar uma dicotomia convencional que divide os direitos de uso do domínio público e privado, os usos e apropriações observados apresentam um desafio político no planeamento da cidade contemporânea. Torna-se assim necessária uma discussão alargada que ultrapasse posicionamentos maniqueístas e seja capaz de repensar a rigidez destas fronteiras. É evidente que estes limites desempenham um papel central na mediação dos usos

---

e apropriações destes espaços, podendo variar entre limites construídos em tecidos urbanos consolidados e limites definidos por pequenos muros e vedações; ou limites mais penetráveis, como vedações com aberturas de usos anteriores, muros caídos ou até mesmo loteamentos infra-estruturados com ausência de limites físicos. Mas para além do tratamento das fronteiras físicas como componente chave das estratégias de transformação destes locais, a integração dos espaços arruinados e vacantes no planeamento da cidade contemporânea pode ser possível intervindo noutros mecanismos de controlo. Por exemplo, porque alguns atores locais demonstram uma atitude de salvaguarda e proteção destes espaços, que vêem como seus, tendo um efeito positivo na conservação dessas estruturas, a formalização destas apropriações através da articulação entre direitos do proprietário e direitos de uso pode ser uma opção mutuamente atrativa.

De qualquer modo, nos casos de estudo do projeto NoVOID, tirando pequenas exceções, não foram identificados usos formalizados ou formas híbridas de interação. Isto talvez se relacione com o facto de haver pouca tradição, especialmente em Portugal, nas disciplinas de arquitetura, arquitetura paisagista ou urbanismo, e nas autoridades e agentes de planeamento, para se envolverem em processos que divergem da conceção da forma, estética e produtividade. Além disso, em contextos urbanos onde a ocupação ilegal é marginal, esta não é uma questão premente.